

Linguagem e discurso na Psicanálise de Jacques Lacan

Adriana de Albuquerque Gomes¹

RESUMO

O artigo visa empreender uma análise crítica da articulação entre os conceitos de linguagem e discurso no contexto da Psicanálise de Jacques Lacan. Para atingir tal finalidade, são delimitados, inicialmente, os aportes da Antropologia Estrutural e da Linguística ao pensamento lacaniano. Em seguida, buscando evidenciar as contribuições de Lacan às Ciências da Linguagem, o artigo concede especial destaque à Teoria dos Discursos, tal como formulada em “O Seminário, livro 17”. Conclui-se com a apresentação do conceito de intersignificação, o qual é considerado, no presente trabalho, como um elemento-chave para a compreensão aprofundada da inter-relação entre linguagem e discurso nas últimas elaborações do autor.

Palavras-chave

Psicanálise, Jacques Lacan, linguagem, discurso, intersignificação.

ABSTRACT

The article aims to analyse the connections between language and discourse in the context of the conceptual field established by the Psychoanalysis of Jacques Lacan. In order to accomplish this, the study presents the major theoretical-methodological contributions of Linguistics and also of the Structural Anthropology to the lacanian thinking. Focusing on the Discourses' Theory, as described by Lacan in his seventeenth Seminar, the work brings out the new framework used by the author, now faced to the Language Sciences. It was possible to identify the importance of intersignification as a key-concept to highlight the relationships between language and discourse in the last writings of Jacques Lacan.

Keywords

Psychoanalysis, Jacques Lacan, language, discourse, intersignification.

1. Jacques Lacan entre a Antropologia e a Linguística

O inconsciente estrutura-se como uma linguagem. Com esta tese fundamental, Jacques Lacan defende a dependência do sujeito ante a ordem significante. Assim sendo, esse autor entende que é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial (DOR, 1989). Por

¹ Adriana de Albuquerque Gomes é Mestre em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Bauru. Atualmente cursa seu segundo Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru. aalbpsi@yahoo.com.br

consequente, tem-se que “o sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud” (LACAN, 1998a, p.406).

De acordo com Miller (2002, p. 35), a essência do descobrimento inicial de Sigmund Freud consiste na integração de fenômenos negativos de sentido na linguagem e, de modo geral, na ciência. Isto significa que, para Freud, o que mais tinha sentido para um sujeito eram os momentos em que seu discurso podia desfazer-se e onde algo podia ser um lapso. Freud restabeleceu, portanto, a positividade desse negativo.

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que parece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pelo do termo produzir-se, se apresenta como um achado. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente (LACAN, 1998b, p.30).

O enunciado anterior, extraído do seminário destinado à elucidação dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, expressa a posição assumida por Jacques Lacan em relação aos fenômenos inconscientes. Ele enfatiza que a descontinuidade é a forma essencial pela qual o inconsciente aparece como fenômeno e que tal descontinuidade tem um caráter inaugural no caminho da descoberta de Freud. Mas, se o inconsciente é o evasivo, por outro lado, Lacan (1998b, p.36) acredita ser possível “cercá-lo numa estrutura”. Segundo esse autor, no que diz respeito ao inconsciente, “Freud reduz tudo que chega ao alcance de sua escuta à função de puros significantes” (*Ibid.*, p.42).

Nota-se, então, que, para trabalhar com a noção de inconsciente no interior de sua teoria, Lacan recorre aos conceitos de estrutura e de significante. Por esse motivo, as contribuições de Claude Lévi-Strauss e de Ferdinand de Saussure revelam-se como decisivas para o empreendimento teórico lacaniano, já que estes dois autores se propuseram a investigar invariantes, para além da multiplicidade de variáveis identificadas. Além disso, a noção de sistema, tão cara à Lingüística e à Antropologia Estrutural, expressa, tanto para Lévi-Strauss, quanto para Saussure, a necessidade científica de construção de uma postura abstrata, conceitual, na medida em que um sistema não é observado no mundo empírico, mas, por outro lado, cada elemento do sistema depende do todo que esse sistema representa. Dor (1989) esclarece que a atitude estruturalista é uma estratégia de promoção de uma nova inteligibilidade que rompe com certas formas de pensar os objetos teóricos, colocando em evidência relações que não aparecem imediatamente entre os elementos estudados. Deste modo, o ponto de vista estruturalista em Lingüística surge com a introdução da dimensão

sincrônica da língua, isto é, com uma perspectiva que considera um determinado estado da língua, sem recorrer à sua história. Assim sendo, a evolução de uma língua será concebida como a passagem de uma sincronia para outra. Adota-se, portanto, uma orientação imanentista no estudo da língua, considerada, a partir de Saussure, como um sistema de valores constituído por diferenças puras. Enquanto na Lingüística o significante define-se por sua presença sensível, na Antropologia de Lévi-Strauss ele é visto em termos de estrutura.

Dosse (2007) explica que, na França, no exato momento em que Lévi-Strauss entende a proibição do incesto como um comportamento imutável, para além da diversidade das sociedades humanas, a Antropologia estava ligada às Ciências da Natureza, ou seja, as idéias defendidas pela Antropologia Física, com seu determinismo biológico, predominavam no cenário acadêmico francês da época. Desbiologizando o fenômeno, Lévi-Strauss opera, então, um deslocamento, já que retira a proibição do incesto do esquema simples da consangüinidade, tal como proposto por Morgan em *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*, em 1879, e, simultaneamente, das considerações morais etnocêntricas. Assim, a proibição do incesto, colocada na sutura da natureza e da cultura, passa a ser vista como um fato positivo, criador do social, na medida em que se destaca que o incesto é socialmente absurdo antes de ser moralmente condenável. Isso porque, para Lévi-Strauss (2003), a troca consiste no fundamento do fenômeno de circulação das mulheres nas alianças matrimoniais, instituindo uma verdadeira estrutura de comunicação entre grupos, na medida em que as sociedades, na visão do autor, dividem-se em dois grupos distintos: o dos cônjuges possíveis e o dos cônjuges interditados. Lévi-Strauss defende que a proibição do incesto é a regra do dote, pois implica na obrigação de doar a mãe, irmã ou filha a outrem. Desta maneira, a universalização da proibição do incesto corresponde a um sistema de trocas matrimoniais regulado por uma organização estrutural que escapa à consciência individual (ROUDINESCO, 2008).

Ao situar as relações de parentesco como base primeira da reprodução social, Lévi-Strauss (2003), influenciado pelas proposições de Saussure, opta por analisá-las como dependentes de um sistema arbitrário de representação. Neste sentido, pode-se dizer que a Lingüística saussuriana torna-se, portanto, a ferramenta capaz de aproximar a Antropologia do simbólico, retirando-a dos modelos naturalistas. No entanto, por apresentar o social enquanto realidade autônoma e, igualmente, por enfatizar a precedência do significante em relação ao significado, Lévi-Strauss acaba definindo um horizonte interdisciplinar, já que possibilita a construção de um objeto comum de análise, tanto para a Antropologia, como para a Psicanálise: o campo do simbólico. Logo, o privilégio dado a Lévi-Strauss à Antropologia Cultural, em detrimento da Antropologia Física, a

partir da incorporação do modelo lingüístico de Saussure, é similar ao objetivo perseguido por Lacan de desmedicalização e de desbiologização do pensamento freudiano (DOSSE, 2007).

2. Contribuições de Lacan às Ciências da Linguagem

A partir do Discurso de Roma, pronunciado em setembro de 1953, Lacan (1998a) passa a utilizar a Lingüística como paradigma de análise dos fenômenos inconscientes, defendendo a centralidade da linguagem em sua leitura dos escritos de Freud. Segundo Jorge & Ferreira (2005, p. 44), “Lacan parte da evidência de que a linguagem, a cadeia simbólica, determina o homem antes do nascimento e depois da morte”. Quando a criança vem ao mundo, ela já se encontra marcada por um discurso, no qual se inscrevem a fantasia de seus pais, a cultura e a classe social a qual pertence. Tudo isso constitui o campo do Outro, lugar onde se forma o sujeito. Por essa razão, Lacan não só insiste na exterioridade do simbólico em relação ao homem, mas, também, na sujeição do homem à linguagem. Isso se explica pelo fato de que a estrutura da linguagem preexiste ao sujeito; seja qual for a língua que tenha que aprender para se comunicar com seu entorno sócio-cultural, a criança não a modifica, pois, na verdade, tem que se submeter a ela (MILLER, 2002, p.20).

Sem a relação estabelecida com a alteridade, como poderia o sujeito se constituir? Durante todo o seu ensino, Lacan diferencia o Outro com “o” maiúsculo e o outro com “o” minúsculo. Dor (1989, p.154) considera imprescindível elucidar o caráter fundamental da referência ao Outro, que se encontra no princípio mesmo do processo de comunicação, sendo o código isótopo ao lugar do Outro, “de onde resulta que o inconsciente é o discurso do Outro”. O Outro é o *lugar do significante*, é o registro do *simbólico*, que Lacan denomina de Outro na medida mesma em que o campo dos significantes é faltoso, é incompleto e nele há sempre a possibilidade de introduzir, por meio de um ato criativo, um *novo significante* (JORGE, 2002, p. 92, grifos do autor).

Contudo, é preciso ressaltar que, embora o significante lacaniano tenha como epônimo e como étimo epistemológico o significante de Saussure, o significante lacaniano não pode ser confundido com o significante saussuriano (ARRIVÉ, 1999). Trata-se de saber, então, qual seria, especificamente, o ponto de ruptura entre Lacan e a Lingüística inaugurada por Saussure. Ora, esse ponto refere-se à metamorfose lacaniana, imposta ao conceito de significante, a qual implica considerá-lo como autônomo em relação ao significado. Por conseguinte, a produção da significação não se deve a que o significante esteja ligado ao significado por uma barra de união, mas, precisamente, ao inverso. De modo geral, Lacan enfatiza a distinção fundamental entre

significante e significado como duas redes de relações que eles organizam e que não se recobrem. (SANTUÁRIO, 2004).

Segundo Dor (1995), enquanto para Saussure o signo lingüístico constitui uma unidade de significação que associa um significante a um significado, para Lacan há um fluxo de significantes e um fluxo de significados, não existindo um “corte” que uniria um significante a um significado, mas uma nova delimitação, definida por ele como ponto-de-estofa. Destarte, a noção lacaniana de ponto-de-estofa retoma o conceito de “valor do signo” saussuriano, levando suas conseqüências mais adiante. Se, como formula Saussure, em uma língua, cada termo tem seu valor em oposição a todos os outros termos, é somente no final da articulação significante que a significação advém. Outra maneira, como faz Lacan, de enfatizar a função *a posteriori*, para indicar que a significação nunca vem senão no final da própria articulação significante. Compreende-se, então, que produzindo a seqüência significativa, a articulação significante prevalece, portanto, sobre a cadeia de significados.

Lacan também estabelece uma diferença precisa entre sentido e significação, sendo esta última um efeito, isto é, algo que passa a existir em um encontro de elementos. O sentido é o efeito que surge na relação do eu com a imagem e que se articula no encontro de dois sistemas: o imaginário e o simbólico. Já a significação é um efeito do simbólico. Sinônimo de sujeito do inconsciente, ela é o efeito produzido pelo vínculo entre dois significantes (NASIO, 1995).

A partir de 1938, em função dos ensinamentos de Kojève, Lacan trabalha a distinção entre o *Je*, sujeito do desejo, e o *Moi*, lugar da ilusão e fonte do erro (SANTUÁRIO, 2004). O sujeito da enunciação é sempre um não-dito que só pode se fazer presente ausentando-se do enunciado (SAFATLE, 2000).

É importante sublinhar que Lacan desenvolve a lógica do significante para edificar uma teoria sobre a relação entre inconsciente e linguagem, sendo o significante a unidade mínima do simbólico. O significante lacaniano tem como característica essencial o fato de jamais comparecer sozinho, isolado, mas articulado com outros significantes. Assim sendo, é a articulação entre os significantes que engendra o processo de significação (JORGE & FERREIRA, 2005). Ao tocar na questão da origem da linguagem, Lacan (2005, p.24) afirma:

Naturalmente, a questão da origem da linguagem é um dos temas que melhor podem se prestar a delírios organizados, coletivos ou individuais. Não é o que temos a fazer. A linguagem está aí. É um emergente. Agora que emergiu, jamais saberemos quando nem como começou, nem como era antes que fosse.

Fica evidente, então, que a Psicanálise, na interpretação de Lacan, consiste em uma construção teórica em que os processos comunicacionais são centrais. Ela lida o tempo todo com a linguagem, mas não *surge* para dar conta, especificamente, da comunicação humana. Isso porque, no momento de sua inauguração, a Psicanálise tem como objetivo desvendar o funcionamento psíquico dos seres humanos. Mas, conforme nos explica Safatle (2000), seu valor sempre esteve na percepção de que uma ciência da subjetividade seria, necessariamente, uma lógica da enunciação.

3. A Teoria dos Discursos de Lacan

Se o início do ensino de Lacan é marcado pela adoção dos princípios do Estruturalismo, na década de 70 do século XX, ele volta-se para a linguagem da lógica moderna, recorrendo a Frege, filósofo que criou símbolos para uma linguagem artificial capaz de dar conta do mundo das operações matemáticas. O recurso a Frege justifica-se pelo fato de Lacan pensar que a linguagem das fantasias inconscientes, construída na relação analítica, estabeleceria, na verdade, um saber, e não um conhecimento da realidade objetiva do analisante. Tal saber seria decorrente das articulações dos significantes, que indicavam relações simbólicas, isto é, posições sexuadas e sociais, para além do prazer. Logo, percebe-se que, em conformidade ao pensamento lacaniano, a sexualidade humana é comandada pela linguagem, em que se revelam diferenciações entre desejo e gozo. Enquanto o primeiro movimenta a cadeia de significantes, o segundo faz com que o corpo fique numa relação de exclusão com a cadeia da linguagem. Na teoria de Jacques Lacan, o gozo revela o impasse na simbolização (NOGUEIRA, 1999).

Desde o início de sua trajetória intelectual, Lacan percebe o primado da relação de fala entre analista e analisante. Em se tratando do *discurso*, isto é, da *realidade social da comunicação*, Lacan indaga, então, acerca da mutação que sofrem aí os determinantes da cadeia significante, que são o significado e o significante substitutivo, diferenciados, respectivamente, por Lacan, como “sítios” permanentes, posições constitutivas da estrutura de todo discurso, e “termos” móveis, elementos constitutivos de toda cadeia falada. No esquema lacaniano, há o corte que proscreeve, de um lado, a imediação entre a verdade e sua representação em uma relação dual, de outro, a imediação entre o lugar de encaminhamento da mensagem social e sua produção. Isso será assegurado pela reintegração da Barra, incorporada do legado de Saussure, do significante ao significado, sob a forma de uma barra representativa do duplo corte discursivo (KAUFMANN, 1996, p.131-132, grifos nossos).

De modo geral, a articulação de um discurso supõe que sejam situadas as duas vertentes que o especificam: a vertente do enunciado e o ato enunciativo que origina esse enunciado. Uma distinção já clássica em Lingüística, mas que do ponto de vista lacaniano é essencial para especificar a relação que o sujeito falante mantém com o inconsciente e o desejo. Usualmente, é pela inscrição do “eu” que o sujeito se atualiza em seus enunciados. Contudo, o emprego de outros pronomes pode constituir um meio de engendrar uma certa neutralidade subjetiva por parte de quem enuncia, como é comum, a título de ilustração, no discurso didático. Neste tipo de discurso, constituído por enunciados gnômicos, o sujeito articula proposições generalizando ou universalizando. Cria-se, então, uma distância entre o sujeito do enunciado e da enunciação (DOR, 1989). No esquema de Lacan, cada discurso tem um *agente*, que é *agente* frente a um *outro*. Esse, levado a agir por aquele, gera um *produto*, sendo o *agente* um ator sustentado por uma *verdade* (ALBERTI, 2000, p.39, grifos do autor). Essas posições podem ser ocupadas por S₁, significante Mestre, S₂, outro significante, S, sujeito dividido e objeto *a*.

Não deixamos de designar o ponto de onde extraímos essa função do objeto perdido [objeto *a*]. É do discurso de Freud sobre o sentido específico da repetição no ser falante. De fato, não se trata, na repetição, de qualquer efeito de memória no sentido biológico. A repetição tem uma certa relação com aquilo que, desse saber, é o limite – e que se chama gozo. Eis porque é de uma articulação lógica que se trata na fórmula pela qual o saber é o gozo do Outro. Do Outro, obviamente, na medida em que o faz surgir como campo – posto que não há nenhum Outro – a intervenção do significante (LACAN, 1969-1970/1992, p.13).

O Discurso do Mestre é a forma discursiva mais corrente. Ele retoma a questão da relação primordial com o Outro, na medida em que se aguarda que o outro traga um saber a mais que falta (GOLDER, 2000). A subversão analítica se refere à preocupação lacaniana de mostrar que o que ele chamou de Discurso Analítico subverte o discurso corrente, ou seja, o Discurso do Mestre ou do Senhor, que pretende usar a linguagem para exercer um domínio através do poder do conhecimento e das leis positivas. Já o Discurso da Histeria é comandado pelo sujeito questionador, no sentido de fazer com que o outro produza o saber. O Discurso Analítico possibilitou duas principais conseqüências: um Discurso sem Palavras, isto é, a importância do saber, como articulação formal, diferentemente do conhecimento, e, principalmente, a indicação do gozo como interesse maior da experiência analítica, agora voltada para as relações da linguagem com o corpo (NOGUEIRA, 1999). No “quem diz melhor” do desmentido – *Verleugnung* – da castração, o Discurso Universitário ocupa um lugar de destaque. Em vez de ser o saber que não sabe, tal como no Discurso do Mestre, este saber toma-se pelo todo-saber: o S₂ está em lugar de comando (GOLDER, 2000). No Discurso do Universitário, um saber equivale a outro, desde que bem sustentado por

títulos acadêmicos. No entanto, na atualidade, esse saber está sendo subsumido pelo Discurso do Capitalista. Em meados da década de 60 do século passado, Lacan já se referia ao científico, não como herança do legado de Descartes, mas revelando sua contemporânea interseção com o Discurso do Capitalista que anula os laços sociais. Nele, então, não há relação entre o agente e o outro; S_1 se dirige a S_2 , colocando o gozo a seu serviço. O outro não é mais, como no Discurso do Mestre, aquele que detém um saber, por mais que esse seja da ordem da doxa; o outro é reduzido a seu lugar de gozo que, no Discurso do Capitalista, volta a S_1 , aumentando o seu capital. Contudo, enquanto no Discurso do Mestre é impossível ao sujeito aceder a esse gozo, no Discurso do Capitalista isso se torna viável, de forma que a castração fica foracluída e o sujeito fixado nesse lugar que o S_1 determina. Em suma, o Discurso do Capitalista não exige a renúncia pulsional e sustenta, sobretudo, a pulsão de morte. (ALBERTI, 2001).

A partir da Teoria dos Discursos de Jacques Lacan é possível verificar, então, as posições que um determinado sujeito assume no laço social, o que indica, conseqüentemente, que comunicação e sociedade são conceitos indissociáveis na Psicanálise. Não é de se estranhar, portanto, que o início do ensino de Lacan tenha sido marcado pela questão da intersubjetividade.

Todavia, com o avançar de sua teorização, Lacan (1971/2009, p.10, grifos do autor) apresenta o conceito de intersignificação, buscando reafirmar que o significante é o que representa o sujeito para outro significante.

Inter, com efeito, foi certamente o que só a sequência me permitiu enunciar sobre uma *intersignificação*, subjetivada por sua consequência, posto que o significante é o que representa um sujeito para outro significante, no qual o sujeito não está. Ali onde é representado, o sujeito está ausente. É justamente por isso que, ainda assim representado, ele se acha dividido. Não se trata apenas de que o discurso, a partir daí, já não possa ser julgado senão à luz de sua instância inconsciente: é que ele já não pode ser enunciado como outra coisa senão aquilo que se articula a partir de uma estrutura, em alguma parte da qual ele se acha alienado de maneira irreduzível.

Logo, pode-se perceber que a asserção lacaniana, destacada anteriormente, define um novo olhar para a estrutura que parte da subtração da presença, isto é, parte da substituição do discurso de um particular pelo “*existe* puro da intersignificação”(LACAN, 1971/2009, p. 11, grifo do autor).

Assim, tal como os lógicos, nas derradeiras décadas de seu ensino, Lacan caminha em direção a um formalismo “sem sujeito” – *Subjektlosformalismus*. (SOULEZ, 2003, p.259).

Referências

- ALBERTI, Sonia. *Psicanálise: a última flor da medicina*. In: ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano (Orgs.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 37-55.
- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 243 p.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan, v.1: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 191 p.
- _____. *Introdução à leitura de Lacan, v.2: estrutura do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 258 p.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo, v. 1*. Bauru: EDUSC, 2007. 412 p.
- GOLDER, Eva-Marie. *Clínica da primeira entrevista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 203 p.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 192 p.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 83 p.
- KAUFMANN, Pierre. Discurso. In: _____. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 129-132.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. 937 p.
- _____. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 93 p.
- _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. 269 p.
- _____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. 230 p.
- _____. *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1971)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 173 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 538 p.
- MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 152 p.
- NASIO, Juan-David. *O olhar em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. 126 p.
- NOGUEIRA, Luiz Carlos. O campo lacaniano: desejo e gozo. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 93-100, 1999.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. 728 p.
- SAFATLE, Vladimir. *A ilusão da transparência: sobre a leitura lacaniana de Descartes*, 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi014.htm>> Acesso em: 20 dez.2007.
- SANTUÁRIO, Luiz Carlos. *A lei do desejo: epistemologia da psicanálise lacaniana*. Caxias do Sul: Educs, 2004. 145 p.
- SOULEZ, Antonia. O nó no quadro ou O estilo de/em Lacan. In: SAFATLE, Vladimir (Org.). *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 255-276.